

UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE A EDUCAÇÃO: O CASO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO ESTUDANTE LEONARDO VITORINO GUIMARÃES NO PEDREGAL, CAMPINA GRANDE, PB

An anthropological look on education: the case of municipal school student Leonardo Vitorino Guimarães in Pedregal, Campina Grande, PB

Una mirada antropológica de la educación: el caso de la escuela municipal Leonardo Vitorino Guimarães en Pedregal, Campina Grande, PB

Rute LEITE MEDEIROS

Uninassau de Campina Grande

✉ rute_ensinojcr@hotmail.com

Fecha de recepción: 24 de mayo de 2019

Fecha de aceptación: 25 de junio de 2019

Resumo: A cidade de Campina Grande, que fica na região nordeste do Brasil, foi escolhida por nela se encontrar a Escola Municipal Estudante Leonardo Vitorino Guimarães, espaço eleito para entendermos a influência desta escola na Comunidade do Pedregal desde sua inauguração até a implantação como a primeira escola municipal bilíngue do Nordeste, sua história e influências na sociedade. Discorreremos sobre o ambiente do Bairro do Pedregal e seu contexto socioeconômico para sabermos a dimensão geográfica, histórica e antropológica na qual a escola em estudo está inserida.

Palavras-chave: Pedregal; escola; educação intercultural; multiculturalismo.

Abstract: The city of Campina Grande, which is in the northeastern region of Brazil, was chosen because in it we can find the municipal School "student Leonardo Vitorino Guimarães", a space chosen to understand the influence of this school in the Pedregal Community from its inauguration until its implantation as the first Municipal bilingual school of the Northeast, its history and influences in society. We will discuss the environment of Pedregal District and its socioeconomic context to know the geographic, historical and anthropological dimension in which the school under study is inserted.

Keywords: Pedregal; school; intercultural education; multiculturalism.

Resumen: La ciudad de Campina Grande, que se encuentra en la región nordeste de Brasil, fue elegida porque allí se encuentra la Escuela Municipal Estudiante Leonardo Vitorino Guimarães, espacio elegido para entender la influencia de esta escuela en la Comunidad del Pedregal desde su inauguración hasta la implantación como la primera escuela municipal bilingüe del Nordeste, su historia en la sociedad. Discutimos sobre el ambiente del Barrio del Pedregal y su contexto socioeconómico para saber la dimensión geográfica, histórica y antropológica en la que está inserta la escuela en estudio.

Palabras Clave: Pedregal; la escuela; educación intercultural; multiculturalismo.

I. Introducción

O Pedregal surgiu como resultado de um dos primeiros grandes conflitos de ocupação urbana ocorridos na cidade de Campina Grande, Paraíba. Esse conflito, que se iniciou em meados de 1975, caracterizava uma luta pelo direito à moradia. Essa ocupação se deu na mesma época da Ditadura Militar, época de forte repressão aos movimentos sociais no Brasil. Outro fator que também marcou o ano de 1975 foi o período de seca prolongada

que assolava a Região Nordeste e, em particular, o Estado da Paraíba, provocando verdadeiro flagelo sobre as populações do campo e da cidade dos municípios menos favorecidos. Naturalmente, sem meios de subsistência, essas populações buscaram sobrevivência nas médias e grandes cidades, dentre as quais Campina Grande, com consequente agravamento das condições locais de atendimento da crescente demanda por moradia e infraestrutura urbana que esse «inchaço» populacional provocou. É nesse contexto que se situa o conflito que deu origem ao bairro do Pedregal, a época conhecida como Favela do Pedregal.

Segundo os moradores mais antigos do Pedregal, seu nome originou-se das características topográfica do local, bastante irregular, acidentado e com muitas pedras. O bairro surge com apenas 39 casas e sua ocupação pode ser considerada como uma das primeiras grandes áreas de conflito e de luta pela habitação no município de Campina Grande. Inicialmente, por volta do ano de 1975, cinco famílias, ocuparam de forma irregular, o Loteamento Nossa Senhora de Fátima, de propriedade da senhora Dinamérica Correia, mais conhecida como Dona Merquinha, que era uma das maiores proprietárias de terra deste município. Com uma extensão de 11,76 hectares, o loteamento Nossa Senhora de Fátima ficava a 0,5 Km da «Favela Coréia», em Bodocongó.

Ainda em 1979, já contabilizando uma população de aproximadamente 2.000 pessoas, a proprietária do loteamento recorreu à justiça, reivindicando a remoção dos moradores. Em contrapartida, os invasores organizaram e buscaram apoio junto às autoridades competentes. Esta situação de conflito culminou com o reconhecimento da área como sendo de utilidade pública e de interesse social para fim de desapropriação, através do Decreto Municipal n.º 894/81, de 12 de agosto de 1981. Por meio do reconhecimento da área como de interesse social, vários projetos do setor público foram implantados, entre eles a urbanização do Pedregal entre os anos de 1988 e 1992. (SEPLAN, 2004). De acordo com o jornal O Globo que circulava a época da invasão, em sua matéria que tinha por título «Os imigrantes chegam. Como atendê-los bem?» noticiou que:

«Diariamente chegam dezenas e mais dezenas de homens do campo para fixar residência em nossa cidade (Campina Grande), o que significa dizer que em pouco tempo estaremos enfrentando os problemas dos grandes centros do País.» (O Globo, 1980, p. 126, citado Araújo e Sousa, 2011).

Ao contrário dos que muitos pensam, e da fama em que este bairro carregou por muitos anos, de que a Favela do Pedregal foi formada por marginais que por ser um lugar de difícil acesso, era propício para servir de esconderijo. Porém, nesta pesquisa, percebemos que este bairro foi formado por imigrantes que vislumbravam na cidade de Campina Grande, a segunda maior do Estado da Paraíba, uma oportunidade de mudança de vida e ao chegar à cidade por falta de moradias, estas pessoas acabaram invadindo terrenos de outrem.

A luta pelo Pedregal perdurou até o início da década de 1980, porém já havia perdido seus aspectos mais agudos e transformara-se em batalha judicial. Finalmente, em 1981, a área do Pedregal foi reconhecida como de utilidade pública e de interesse social, para fins de desapropriação, por força do Decreto Municipal n.º 894/81, de 12 de agosto de 1981.

Como qualquer cidade brasileira, a cidade de Campina Grande na Paraíba, também contempla problemas de bairros que tiveram seu início de uma invasão de terreno que aos poucos fora se transformando em favela, ou seja, o território do Pedregal, em sua origem na década de 70 deu-se de forma desordenada como define o IBGE quando trata do termo «Favela», condições inadequadas de infraestrutura de saneamento básico, água potável, etc.

Por muitos anos, ao longo de sua história, infelizmente, o Pedregal passou a ser conhecido como uma área de grande violência, e isto gerou uma analogia ao crime, sendo assim, era um bairro temido por todos, evitado de ser trafegado por muitos, e com esse estereótipo o que se delineava na cabeça de quem não conhece

ou conhecia esta área de Campina Grande era que ali era um esconderijo de marginais, o que se passava a generalizar erroneamente este preconceito com os moradores desta área.

Hoje, grande parte da área do bairro já se encontra urbanizada. É o bairro com a maior densidade demográfica da cidade de Campina Grande, Paraíba. Os seus limites geográficos são: Norte: com o bairro Universitário; Sul: com o bairro do Centenário; Leste: com o bairro da Bela Vista; Oeste: com o bairro de Bodocongó. Apesar de não ser o foco desta pesquisa os bairros em que o Pedregal faz limite, é relevante que entendamos que estes limites também interferem para o processo de violência do bairro, o bairro da Bela Vista durante muito tempo serviu de confronto, uma vez que os grupos violentos de cada bairro, para demarcarem seu território e até em algumas situações para disfarçarem ou tirar o foco da polícia daquele bairro, cometia-se assassinatos e levavam-se os corpos para o terreno vizinho como forma de mandar um recado para demonstrar quem realmente mandava na área. O bairro do Pedregal possui um intenso grau de concentração habitacional e pela própria localização geográfica sua expansão é dificultada já que o mesmo fica no meio dos quatro bairros de características urbanas e sociais mais bem desenvolvidas.

Com o passar do tempo, a favela do Pedregal também ficou conhecida pela ocupação de duas facções criminosas conhecidas como Ratos e Peixeiros, que eram representados por duas famílias que brigavam pelo poder, ou seja, pelo controle do crime e tráfico nesta região, a ponto de até os dias de hoje ainda encontrarmos representantes de cada uma dessas famílias.

Nesta pesquisa, apesar de não ser nosso objetivo, se faz relevante contar esta história dessas facções do bairro do Pedregal, por dois motivos: o primeiro porque não se tem um estudo sobre os Ratos e Peixeiros, apenas nas páginas policiais que encontramos alguns dados; O segundo é que na Escola Municipal Leonardo Vitorino Guimarães existe alunos que fazem parte das duas facções e que dentro do ambiente educacional se dão muito bem, há respeito e boa convivência.

Por conta desta realidade de facções que há no bairro do Pedregal, todas as notícias sobre este se encontram nas páginas policiais, por isso que nos chamou atenção que a polícia tenha comparado as facções que existe no bairro, que são «os peixeiros» e «os ratos» com os mesmos modos de agir da «Al Qaeda», «Estados Unidos», «Primeiro Comando da Capital», «Comando Vermelho», que em fevereiro de 2014 foram responsáveis por ações orquestradas de promover o terror da população.

«A comunidade Pedregal, local onde moram os peixeiros e ratos, tem uma população de 9 mil pessoas, e é um bairro caracterizado por possuir muitas vielas, tornando dificultoso o trabalho da polícia em patrulhar com as viaturas por essas áreas. O nome Ratos surgiu de pessoas que moravam próximas ao canal e com isso conviviam com grande número de ratazanas, já os Peixeiros surgiram de uma rixa de 10 anos em que houve uma grande briga na qual as pessoas se mataram com peixeiras » (Tipo de faca). (Silva, 2015, p. 22).

A realidade do Pedregal é marcada por um contexto histórico em que a problemática social assume aspectos complexos como já fora dito. O bairro em questão pode ser considerado como um aglomerado subnormal, caracterizado por inundações periódicas, falta de saneamento básico, habitações de baixo padrão, ruas intransitáveis e desordenadas, tendo ao longo do tempo adquirido ruas pavimentadas. O subemprego, a baixa renda das famílias e conseqüentemente a violência são características socioeconômicas da população residente no local.

Um grande problema encontrado, no bairro, é a questão da saúde pública. Um levantamento feito pela Fapesq (*Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba*), no local, confirmou o Pedregal como uma situação de calamidade pública: vários focos de mosquito, terrenos baldios usados como lixão e ruas com esgoto a céu

aberto. Os moradores solicitaram que fossem colocados depósitos de lixo, nas ruas, que não são beneficiadas com a passagem do carro de lixo.

O tecido urbano do bairro do Pedregal é geograficamente denominado como caótico que é característica das áreas ocupadas desordenadamente, onde há ausência de lógica na disposição de quarteirões e traçados das ruas. (Atlas Geográfico do Estado da Paraíba, 2002), tal realidade destaca a falta de uma política urbana efetiva. As melhorias existem, mas são poucas.

Segundo informações do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2000), a população do bairro Pedregal já tem acesso a serviços básicos, como água encanada, banheiro, coleta de lixo e energia elétrica, no entanto seus percentuais ficam abaixo da média do Brasil, da Paraíba e da própria Campina Grande. Apenas no item, «pessoas que vivem em domicílios com energia elétrica», o Pedregal apresentou valores superiores ao do estado e do país.

A comunidade do Bairro do Pedregal conta com a Creche e Pré-Escola Municipal Cotinha Carvalho, que traz para as mães do bairro um lugar seguro para deixar as crianças enquanto estas precisam trabalhar para aumentar a renda da família. Não raro, algumas colocam seus filhos na creche porque ver este lugar como uma oportunidade de seus filhos se alimentarem dignamente, já que o índice de desemprego e de condições sociais são baixíssimos.

Em se tratando de educação o bairro conta com quatro escolas, sendo 3 municipais e 1 estadual. São elas: Escola Municipal Deputado Petrônio Figueiredo; Escola Municipal Manoel da Costa Cirne; Escola Municipal Estudante Leonardo Vitorino Guimarães, esta que é centro de nossa pesquisa; e, por fim, Escola Estadual Monte Carmelo, a única de Ensino Médio do bairro. Das 04 escolas situadas no bairro, apenas a Escola Municipal Estudante Leonardo Vitorino Guimarães atingiu o maior Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), já recebeu vários projetos educacionais por proporcionarem uma educação de forma eficaz a ponto de terem um trabalho muito bem desenvolvido sobre a Educação Indígena e Afrodescendente, que está determinada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, tem também outros prêmios educacionais ganhos ao longo de sua história.

Há que destacar, portanto, a resistência daqueles invasores, pioneiros moradores do Pedregal, que obtiveram êxito graças ao seu espírito coletivo de luta, a sua unidade interna e ao forte apoio que obtiveram dos movimentos sociais, sobretudo daqueles vinculados ao trabalho pastoral da Igreja Católica na cidade que até aqui vivenciando as lutas postas podem dizer que venceram, apesar de saber que a luta por qualidade de vida e melhorias para o bairro deve ser uma constante.

I. A História da Escola da Rede Municipal e Ensino Estudante Leonardo Vitorino Guimarães

A Escola Municipal Estudante Leonardo Vitorino Guimarães, pertence à Rede Municipal de Ensino da cidade de Campina Grande – PB está localizada, à Rua Professora Luiza Barbosa Leal, 519 bairro do Pedregal. Funcionando nos turnos manhã e tarde, foi criada por iniciativa do Vereador Bruno Gaudêncio através do Projeto Lei nº 081/2004, sancionado pelo Prefeito Veneziano Vital do Rego Segundo Neto, pela Lei nº 4239, de março de 2005, com o apoio do Secretário de Educação e Cultura Flávio Romero Guimarães (da época). Suas atividades foram iniciadas no dia 21 fevereiro de 2008 e, sua inauguração aconteceu no dia 26 de outubro de 2007, tendo como 1º gestor, o Professor Heraldo Ataíde Pereira, este que atua como supervisor até hoje. A denominação desta escola trata-se de uma homenagem póstuma ao estudante do curso de Ciências Econômicas da UFCG, Leonardo Vitorino Guimarães, uma vez que este foi brutalmente assassinado aos 19 anos

no Parque do Povo que é uma área pública com a função de sediar alguns eventos da cidade, este fato coincidiu com a inauguração desta escola, escolhida para esta homenagem ao também estudante.

A Escola Municipal Estudante Leonardo Vitorino Guimarães é a primeira escola com horário integral onde os alunos adentram pela manhã à escola para aulas de disciplinas regulares do currículo e à tarde voltam para terem aulas extracurriculares como flauta doce, língua estrangeira, percussão, aulas de informática e até o estudo sobre os índios e negros que tanto enriqueceram a história de nosso Brasil. Os alunos reconhecem o valor desses povos como parte primordial da nossa cultura o que nos torna um país miscigenado.

Atualmente a escola tem uma matrícula efetiva de 193 alunos, proporcionando uma educação de qualidade esta escola disponibiliza 04 refeições diárias com cardápio feito pela nutricionista da empresa São Pedro Comercial de Alimentos, que cotidianamente acompanha as refeições feitas na cantina da própria escola pelas merendeiras. Essas refeições são tão valiosas para os alunos, pois muitos não têm o que comer em suas casas ou têm condições precárias de alimento, esta escola vem suprir esta lacuna, cumprindo um pouco do dever social dos poderes públicos para com a população.

A gestora da escola é a professora Maria do Socorro Dias da Silva, eleita pela comunidade escolar em eleição democrática em novembro de 2015. Percebemos em nossa pesquisa de campo, e o tempo que ficamos convivendo na escola que a Diretora é muito querida, respeitada tanto pelos alunos, pais dos alunos e por todos que fazem a escola. Também demonstra um compromisso com todos e com a direção da escola, zela pelo bem comum, pelo respeito e disciplina que são bem aceitos por todos que veem no dia a dia a eficácia desta gestão.

A aceitação da escola é tão grande pela comunidade como nos relata o professor Heraldo Ataíde Pereira, supervisor pedagógico, em entrevista sobre o número de alunos e perguntamos sobre o número de desistentes, nos disse que:

«Então atualmente a gente se encontra com 193 alunos, é uma escola de tempo integral com educação integral, funcionamos os dois turnos, frequência muito boa, a frequência tanto da manhã quanto da tarde é uma frequência excelente, pelas previsões, já que seria o contra turno poderia ter a ideia assim de que não viesse os alunos à tarde. A gente comprova que o que a gente oferece realmente atrai, uma educação de qualidade em um espaço físico seguro, limpo e organizado. Quanto à questão de desistente não existe, nunca houve um desistente nessa escola, porque a gente sempre faz o trabalho de campo também, procurar saber o que tá acontecendo com o aluno, porque que não está vindo. A reunião de pais, contato da própria comunidade com a escola é excelente. Então esse número de alunos sempre cresceu de um ano para o outro, pena que a gente não tenha salas de aula suficiente pra... vamos dizer assim, matricular mais alunos.»

A Escola está inserida em um bairro de baixa renda, o Pedregal, que é uma área de risco, tendo sido considerado o 2º bairro mais violento da cidade de Campina Grande e nesta perspectiva faz-se necessário um trabalho pedagógico de qualidade, que seja amplamente divulgado na comunidade visando promover a inclusão de todos os que se encontram à margem da sociedade, na tentativa de formar cidadãos conscientes e críticos, sujeitos de sua própria história. Apesar desta realidade do quadro de violência no contexto da comunidade, a Escola Leonardo Vitorino Guimarães têm feito um trabalho diferenciado com aulas de qualidade e 100% de frequência dos alunos.

Foi notório no decorrer desta pesquisa todo o processo histórico e de formação do bairro, ficando evidente que a comunidade reconhece o valor da educação, a ponto desta escola poder dizer que a ausência nas aulas é quase nula e a evasão escolar é nula, o que nos chamou atenção, pois esta escola possibilita uma educação que oportuniza aos alunos esperança em um futuro melhor, uma vez que todos fazem questão de participar.

Em entrevista aos pesquisadores, o Professor Heraldo, quando indagado sobre a classificação da Escola

Estudante Leonardo Vitorino Guimarães no IDEB diz que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica é surpreendente, quebrando todos os paradigmas de escola pública do Brasil, em que no geral nosso país ainda tem um déficit de aproveitamento muito grande, como aqui só tem nove anos, já alcançamos um índice de 5,9, e de forma positiva e crescente, o que requer muito trabalho, pra conseguirmos manter esse IDEB sempre num patamar ideal, desenvolvendo um trabalho didático-pedagógico muito eficiente, sistemático, pra poder essa meta sempre ser permanente, o que é ótimo para comunidade escolar, pois a escola recebe incentivos do governo federal.

Tivemos a curiosidade de saber quais os desafios enfrentados pelo Professor Heraldo Ataíde Pereira e a Professora Maria do Socorro Dias da Silva quando foram convidados a assumirem a direção da escola:

«Até a vinda da gente pra cá, no caso, da minha vinha e a de Socorro, que é gestora hoje da escola e eu sou supervisor, alguns colegas tinham a gente como loucos, porque saímos de um bairro, visto como bairro elite de Campina Grande, que era o Alto Branco, trabalhando numa escola a qual eu era gestor na época, muitíssima organizada, que no caso foi a Escola Luzia Dantas, onde tínhamos turmas de 1º a 5º ano, tanto no turno de manhã quanto tarde, com um número de alunos excelente, funcionando normalmente, tudo já dentro da engrenagem e pegar uma escola que apesar de ter um prédio novo, mas na verdade a gente encontrou uma noiva sem enxoval, eu sempre digo isso a quem me pergunta e fazer com que essa escola funcionasse com o objetivo de atender a um bairro em que a gente não conhecia a comunidade, não tinha nenhum conhecimento da comunidade, nem o vigilante que é daqui do setor há 40 anos a gente conhecia, viemos assim às cegas, não é? Pra trabalhar no objetivo de acolher essas crianças e tirar elas do perigo maior que existe aqui que é a questão do tráfico de drogas de armas da prostituição então a nossa visão sempre foi essa é por isso que não fizeram com que a gente tivesse um momento de pensar em desistir, de quere desistir, fraquejamos sim, muitas vezes, mas a Jé nos levantou, porque Deus sabia qual era o objetivo nosso dentro dessa comunidade que era tirar esses alunos do perigo e oferecer a eles o horizonte uma estrada que eles tivessem uma luz a seguir, no caso a educação, então o nosso interesse sempre foi esse mesmo com todas as dificuldades no início, às vezes sem merenda a gente tinha que tirar do bolso pra poder fornecer uma merenda que não era nem uma merenda qualificada, mas a gente não podia deixar de oferecer pra que eles não ficassem com fome, porque a escola ainda estava na fase de registro ao MEC e a merenda ainda era agregada à secretaria de educação do município e vinha, essa merenda vinha assim aos poucos não vinha nem por quantidade de aluno, vinha pra gente se virar, fazer como Cristo fez, do pão alimentar milhares, e tinha tarde aqui, tinha manhã aqui que a gente ficava sem merenda e, o que é que vamos fazer? Então, olhava juntava aqui o troco de um o trocado de outro e fazia uma compra e oferecia essa merenda a esses alunos pra eles não voltarem ser ter o que comer. (grifo nosso)»

Em todo tempo desta pesquisa tanto a gestora, que em outros lugares tem a nomenclatura de Diretora da Escola, quanto o supervisor pedagógico, contribuíram bastante nesta pesquisa com seus ensinamentos, ambos nos relatando cada detalhe da escola, bem como fizeram questão de demonstrar cada espaço físico, os documentos e até intermediaram junto à comunidade uma autorização para que pudéssemos trafegar na favela sem sermos incomodados e nem viéssemos ser tidos como pessoas suspeitas para atrapalhar o andamento da favela. Ou seja, os gestores intermediaram para que as facções que operam no bairro permitissem a pesquisa, isto informalmente. Até hoje, esses dois professores revezam nos cargos da direção e ninguém quer que eles sejam substituídos, mesmo após os nove anos de funcionamento. No dia a dia na escola, fazendo a pesquisa pude observar a dedicação destes dois professores, que apesar das dificuldades, da falta de bons salários que infelizmente é uma realidade na vida dos professores brasileiros, mas percebemos que o compromisso com os alunos e a consciência de que aquelas crianças merecem ter uma educação de qualidade para que possam vislumbrar um horizonte longe das drogas, do tráfico, longe da fome e da miséria é real no trabalho desenvolvido por ambos.

Ao tratar sobre os pais dos alunos, o que eles demonstravam aos diretores sobre a escola, Prof. Heraldo nos diz:

«Sem nenhum problema e os pais acreditando no nosso trabalho porque começamos a implementar uma pedagogia de projetos e até hoje a gente ainda segue essa mesma linha inovando a cada ano, um ano letivo nosso nunca foi igual ao que viesse posteriormente, sempre

vinha inovação, sempre houve porque sempre a gente avaliou que o que tava acontecendo de negativo pra que no outro ano não se repetisse, por isso que eu sempre falo que o ano letivo nosso nunca foi igual ao outro, sempre tem inovação»

Se observarmos as escolas públicas brasileiras, infelizmente iremos notar, com raras exceções, que em sua maioria elas têm um prédio sem manutenção, com paredes sujas, aspectos de desarrumação, portanto, era o que esperávamos encontrar na primeira visita à escola em questão, principalmente se aliado a este estereótipo ela está inserida em um bairro pobre e cheio de problema, como já fora colocado. Apesar de termos nascido na cidade de Campina Grande, conhecíamos o bairro do Pedregal apenas pelo que se dizia ou se demonstrava nos noticiários policiais, ou seja, tínhamos uma visão preconceituosa e ideia pré-concebidas sobre o que iria encontrar nesta escola. Entramos em contato com a escola via telefone, nos apresentamos e perguntamos se poderíamos conhecer a escola para realizar uma pesquisa, prontamente, mesmo sem nos conhecer a pessoa que atendeu este telefonema permitiu gentilmente a nossa visita à escola, porém não marcamos o dia, nem tampouco a hora de visita, pois não queríamos correr o risco de colocarem uma maquiagem para esconder a realidade, ou seja, se chegássemos com dia e hora marcados os gestores poderiam tentar organizar apenas para novas visitas, desta vez os pesquisadores, isto era o que se passava em nossa mente. Porém, ao visitar pela primeira vez esta escola fiquei surpresa com tamanha organização. A escola impecavelmente limpa, as paredes todas limpas, os ambientes todos da escola muito organizados, o que nos encantou, e logo pudemos ver que esta escola tinha algo diferente o que tornou esta pesquisa ainda mais instigante.

Percebemos o porquê ela é uma escola modelo, apesar de estar em um bairro de periferia, cheio de problemas e pobreza em sua volta. Passamos a conhecer as dependências físicas da escola, porém se faz necessário tratar sobre as dependências físicas desta escola, pois a regra no Brasil nos mostra um caos, paredes sujas ou descascadas, chão mal varrido, salas de aulas com carteiras quebradas, quadros sem condições de uso e assim segue, entretanto ao chegar a Escola Estudante Leonardo Vitorino Guimarães não há como não perceber e se encantar. As dependências da escola, falamos de todos os ambientes exalam um aroma de limpeza, as paredes da escola trazem paz por tamanha limpeza e organização, falar do refeitório é como chegar em um restaurante simples, mas cheio de charme, limpeza e bom gosto. Mas, poderíamos dizer o que isso traz de relevante para os alunos? A palavra que responde a esta pergunta é Dignidade, é oferecer aos alunos daquela escola um ambiente que talvez muitos não disponham em casa. É mostrar a beleza que há na limpeza e organização. Isto para alguns será algo banal, nós diríamos que é algo essencial, palavra de um potencial imensurável para crianças que vivem muitas vezes em condições sub-humanas.

Enquanto professores, aprendemos que um ambiente organizado traz conhecimento, paz, vontade de continuar, de seguir. Se nos deparamos com um ambiente desorganizado nos traz todos os sentimentos contrários, instiga ao confronto, a briga, dá vontade de sair, de fugir, então a escola não ensina apenas nas salas de aulas, mas a escola é o todo e este todo deve seguir um padrão de aprendizado, e a educação não é composta apenas pelo currículo, necessitamos de educação doméstica, que deveria ser aprendida em casa, mas que infelizmente esse papel também tem ficado para escola, sendo assim esta escola tem cumprido a tarefa com maestria.

Percebemos isto nos depoimentos de pais de alunos que contribuíram para esta pesquisa, com os seus relatos, transcritos na íntegra pelos pesquisadores:

«Eu me surpreendi primeiramente com a escola, por conta da organização, é tanto que a procura da matrícula no começo do ano tem que dormir pra conseguir vaga, porque essa escola é muito requisitada, todo mundo quer colocar seus filhos nessa escola. Ai Gui... tem

um temperamento muito forte, meu filho, aí aqui na escola com a ajuda dos professores, diretores, ele melhorou muito esse comportamento, tanto em casa, que eu tive que tomar algumas regras em casa, quanto aqui na escola, aí me surpreendeu muito ele evoluiu bastante e continua evoluindo». (Paula mãe de um aluno do 1.º ano)

«Não, no momento não tenho nenhuma sugestão, porque sempre toda sugestão que eles têm surpreende a gente mãe, porque essa daqui superou todas que já teve aqui no pedregal, porque já sou do bairro há muito tempo moro aqui desde criança e já estudei em varias escolinhas municipal e nenhuma se compara até hoje com a daqui». (Vera mãe de um aluno do 3.º ano)

«Não tinha não, eu passei um tempo estudando numas (Escolas do Bairro) aqui, aqui não é boa porque é desordenada, não tem disciplina, eu cheguei até a estudar em Bodogongó em outra escola, muito boa também, só que não tinha uma instituição assim aqui dentro. Aí o Leonardo na minha visão é diferente de todas as escolas, é tanto que eu disse mãe tem hora que eu penso em tirar tem hora que eu não penso por conta da distância, minha mãe foi a que mais me incentivou, já colocou os três netos dela aqui na escola e pretende colocar o resto, porque é muito neto. Porque a faixa etária é pequenininha se não já estariam todos aqui, mas no meu ponto de vista as outras escolas não se compara não igual ao Leonardo». (Josenilda mãe de dois alunos na escola)

A questão da conscientização é tão grande, por parte de todos, que a escola tem um Projeto de Reaproveitamento da Água, ou seja, nos banheiros, embaixo de cada pia, há um balde improvisado com tampa para resgatar a água que os alunos lavam as mãos e está água e reaproveitada para a limpeza do chão e para colocar nas plantas que tem em volta da escola. Este projeto começou porque a cidade de Campina Grande onde o bairro do Pedregal está inserido no ano de 2016/2017 teve o açude de Boqueirão que abastecia a cidade um colapso no abastecimento ficando com apenas 3% de sua capacidade e o órgão responsável pela gestão das águas, a Cagepa, implantou um rodízio de racionamento de água, por conta disto todos os moradores da cidade tiveram que passar a economizar água, e vivenciando esta realidade também a Escola Municipal Estudante Leonardo Vitorino Guimarães, na pessoa do Supervisor Pedagógico Heraldo Ataíde Pereira, juntamente com todos os que fazem a escola e com a participação dos alunos também, integraram a realidade do racionamento a um projeto de educação e conscientização de forma que os alunos levassem o que estavam vivendo na escola para suas casas. Por diversas vezes estando na secretaria da escola nos dias de observação participante pudemos ver que os alunos se dirigem à direção para avisar que algum balde já está com sua capacidade máxima e deve ser aproveitado para não haver desperdício da água. Prontamente, um funcionário da limpeza recolhe e dá o devido direcionamento àquela água, e aos poucos a escola vai cumprindo o seu papel de conscientizar, educar e socializar.

A preocupação com as questões ambientais devem ser desde cedo, inseridas na educação como um todo, pois só assim conseguiremos cidadãos efetivamente conscientes.

Nesta escola os alunos estudam uma disciplina sobre meio ambiente, esta visa conscientizar a comunidade escolar que a continuidade da vida no planeta e a sobrevivência da própria humanidade dependem do meio ambiente. Falar em reciclagem de lixo, em preservação de áreas ambientais, em proteção a espécies ameaçadas, em aquecimento global entre outros assuntos relacionados são atitudes cotidianas, estimuladas pela mídia, que enfatiza o tema praticamente todos os dias.

O princípio básico é conscientizar os alunos e a comunidade escolar sobre a necessidade de se construir uma prática social baseada na preservação do ambiente, isto é, para ter consciência de que para estarmos no mundo é necessário que cuidemos deste, não poluindo e criando formas de efetivar ações e atitudes de respeito e preservação ao meio ambiente. Os nossos olhares deverão estar atentos para a percepção das realidades ambiental, social, econômica e cultural e para os seres que constroem a relação nos micro e macro ambientes. O espaço deve ser lido através do seu entorno imediato, isto é, devemos criar com os alunos a certeza de que todos fazem parte do planeta terra e por isso, somos igualmente responsáveis pela sua preservação e cuidado. Devemos chamar a atenção dos alunos para a questão do consumo e da produção exagerada de materiais e

resíduos que, somados, geram uma grande quantidade de lixo que poluem o planeta. Em nossa discussão, diz a Diretora Professora Maria do Socorro Dias, estabelecemos com nossos alunos a certeza da criação e da efetivação de alternativas para a melhoria do meio ambiente, como a questão do lixo, da água, que temos em nossa casa e que a escola tenta com este projeto fazer com que os alunos vivenciem, aprendam e levem o que fora aprendido para utilizarem em suas próprias casas.

O trabalho feito nesta escola tem como fio condutor o diálogo, isto é, quais são as linhas e as pontes em que todo o conhecimento produzido pelo homem se encontra e se alia para discutir e encontrar alternativas para a questão ambiental, assim nenhum conhecimento deve ser isolado ou parcializado ele deve fazer parte do todo e dividido com todos e assim, a escola cumpre o seu papel de socializar educando.

Há também no contra turno o Projeto de Educação Artística. Esta disciplina é interdisciplinar, pois serve de ponte para que os outros projetos da escola se incluam, ou seja, a arte propicia uma compreensão profunda das questões sociais, pois solicita a percepção visual, a auditiva, bem como os demais sentidos e é através dela que o aluno compreende a dimensão poética presente em seu meio. A educação artística considera a complexidade de uma proposta de trabalho que leve em conta as possibilidades e os meios utilizados pelos alunos durante a transformação de seus conhecimentos em arte. As técnicas, informações históricas, relações culturais e sociais bem como os procedimentos adequados só podem ser assimilados pelos alunos caso sua sensibilidade e condições de concretizá-los permitam e de forma que os alunos vejam na prática a importância desta arte, que muitas vezes com a simplicidade do que é apreendido nesta disciplina pode levar aos pais uma opção de trabalho muito comum em nossa região, o artesanato. Para tanto, a escola colabora para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências ao aprender e criar, utilizando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal. É desejável que o aluno, ao longo da sua vida escolar, tenha a oportunidade de vivenciar o maior número de formas de arte, entretanto é necessário que cada modalidade artística possa ser desenvolvida e aprofundada em um espaço que ofereçam suportes para as suas peculiaridades. O estudo, a análise e a apreciação das formas contribuem tanto para um processo pessoal de criação dos alunos como para o reconhecimento da função que a arte desempenha nas culturas humanas.

Pensando na importância da Arte em seu contexto social e educacional, os gestores resolveram introduzir na escola a disciplina Educação Artística, que proporciona aos alunos aprenderem a arte na sua forma prática, confeccionando objetos relacionados aos temas trabalhados, impulsionando-os a descobrir o talento natural que há em cada ser humano, e também proporciona aos alunos desde cedo fazer a interdisciplinaridade, quando eles compreendem que podem reciclar materiais para ajudar o meio ambiente, ou mesmo quando reclamam este material como forma de arte dando um outro aproveitamento ao que outrora iria para o lixo.

Estamos aqui discorrendo sobre uma escola pública e também municipal, que para muitos seria motivos suficientes para ficarem na inoperância reclamando da atual conjuntura do país. Mas, nesta escola essas duas condições servem de trampolim para oportunizar aos alunos uma educação de qualidade, e, diga-se de passagem, uma educação que em muitas escolas particulares não disponibilizam.

Como mais um diferencial desta escola está nas aulas de Musicalidade. A Música é um fenômeno universal, que está presente na história de todos os povos e civilizações, em todo o globo, desde a pré-história. E, desde os primórdios, a Música faz parte do dia a dia das comunidades, se manifestando de diferentes maneiras, em ritos, festas e celebrações das mais diversas. Na verdade, é praticamente impossível encontrar uma pessoa que não goste de ouvir, cantar e dançar. Desde a mais tenra idade vivenciamos muitas experiências ouvindo e cantando em casa e em tantos outros lugares, com os mais diversos fins. Assim, é patente em todas as esferas

de nossa sociedade que a Música tem um papel primordial como forma de lazer e na socialização das pessoas, pois ela cria e reforça laços sociais e vínculos afetivos.

O mais interessante é que esta vontade de trazer musicalidade para a escola era um sonho de infância do Supervisor Pedagógico Prof. Heraldo Ataíde Pereira, que nos relatou que quando era criança tinha um sonho de tocar em uma banda marcial¹, e trouxe durante sua vida este sonho que era só seu e agora pode transformar em oportunidade para todos os alunos da escola, como podemos constatar no relato abaixo.

«Essa banda é um sonho de infância. Eu queria tocar algum instrumento, mas onde estudei eu sempre estudei em escola pública, né? Tanto do município como do Estado, lá em Esperança aqui da Paraíba. Lá na escola do Estado tinha uma banda, mas era muito difícil entrar nessa banda, era pra quem tinha talento mesmo, e eu nunca tive talento pra instrumento, pra nenhum instrumento, é tanto que aqui, às vezes, eu fico batendo no bandeiro, pensando que tô tocando, mas eu sempre disse: Enquanto me formei pra o magistério que a escola que eu pudesse um dia administrar essa escola, eu faria uma banda, tinha que ver como organizar uma banda na escola. Porque uma banda além da questão da música ser muito atrelada à educação, também me lembrava daqueles momentos cívicos que a gente tinha antigamente que tem se perdido no tempo de hoje e eu queria resgatar isso. É tanto que a gente tem a semana cívica aqui, o hasteamento e descerramento da bandeira. E eles sabem tanto o hino de Campina como o Hino Nacional, são hinos treinados com eles pra que eles executem na semana da pátria, e chegou a oportunidade de vir pra essa escola o PDE² de 2013 que a gente consegue inscrever a escola, com a primeira oficina que eu coloquei foi de banda, mas só que eram poucos instrumentos que a oficina oferecia que a gente podia comprar. Então, veio uma parceria do Instituto Alpargatas, primeiro do esporte, da parte esportiva, eles nos ajudam na questão do material esportivo e também na formação do professor de educação física e nos ajudaram com a banda».

Na observação participante, podemos registrar esse momento de integração entre os alunos o Prof. Heraldo Ataíde e o Prof. Herbert Silva Bezerra que é o responsável pela integração das crianças com os instrumentos. Também é o professor de Flauta Doce, inserida no ano de 2016, através de um patrocínio com o Instituto Alpargatas (IA), que promove uma melhoria na educação pública, incentivando a prática esportiva qualificada e o resgate da cultura popular.

O professor de música supracitado da escola, é aluno do curso de música, ele toca na filarmônica, já concluindo agora em 2017, ele trabalha com partitura, ele não trabalha uma coisa avulsa ou outra, a flauta doce, por exemplo, que ele é próprio professor também, os alunos só tocam com a partitura, então é uma coisa bem técnica, oportunidade únicaprincipalmente para os alunos que vivem numa realidade tão crítica quanto os moradores do Pedregal.

III. Projetos Indígena e Afrodescendente da Escola Municipal Estudante Leonardo Vitorino Guimarães: uma questão multicultural

A Escola desenvolve durante todo ano letivo, ações dentro das disciplinas oferecidas na sua base curricular sobre as culturas Afrodescendentes (1º Semestre) e Indígenas (2º Semestre), conforme as leis 10.639/03 que acrescenta dois artigos a LDB e estabelece o ensino de história e cultura afro-brasileira por meio de temas como história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. Cinco anos depois, a lei nº 11.645/08 é sancionada e passa a incluir também

¹ Banda Marcial (em inglês: marching band) é um grupo de músicos instrumentais que geralmente apresentam-se ao ar livre e incorporam movimentos corporais - geralmente algum tipo de marcha - à sua apresentação musical. Esses grupos geralmente utilizam duas classes de instrumentos musicais: os metais e a percussão. (Disponível em: <<http://dicionario.sensagent.com/Banda%20marcial/pt-pt/>>. Acesso em: 24 jun. 2017).

² O Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE-Escola) é uma ferramenta gerencial que auxilia a escola a realizar melhor o seu trabalho: focalizar sua energia, assegurar que sua equipe trabalhe para atingir os mesmos objetivos e avaliar e adequar sua direção em resposta a um ambiente em constante mudança. É considerado um processo de planejamento estratégico desenvolvido pela escola para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. O PDE-Escolar constitui um esforço disciplinado da escola para produzir decisões e ações fundamentais que moldam e guiam o que ela é, o que faz e por que assim o faz, com um foco no futuro. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=176:apresentacao>. Acesso em: 24 jun. 2017.

as populações indígenas.

Esta escola também diferencia ao trabalhar estes dois temas transversais que em outras escolas só são trabalhos em datas comemorativas como 19 de abril que é o Dia do Índio e 20 de novembro que é o Dia Nacional da Consciência Negra. Na Escola Leonardo Vitorino Guimarães essas duas culturas são tratadas com mais seriedade e serve para que os alunos conheçam sua própria história, portanto não é apenas uma data comemorativa em dois dias do ano letivo que traria esta consciência. Sabendo da importância para que os alunos conheçam a sua própria história do ponto de vista de conhecer aqueles que fizeram parte do início da colonização, os índios como os primeiros habitantes do Brasil e os negros como os capturados da Índia. Porém, nesta escola traz um projeto de vivência dentro do semestre inteiro, a ponto de terem apresentações dentro e fora dos muros da escola, ou seja, quebra a rotina de apenas fazer comemoração de datas. Nesta escola, os alunos vivenciam e se aprofundam em conhecer as duas culturas.

A cultura afrodescendente e indígena é trabalhada do ponto de vista da miscigenação, da importância destas culturas para o Brasil o qual vivemos, e não mais é permitido apresentar aos alunos apenas o escravo analfabeto e o índio preguiçoso. Nesta escola, a cultura é vista e trabalhada do ponto de vista do autor Fleuri (2000, p. 125), quando discorre sobre o conceito de diferença:

«O conceito de diferença indica uma nova perspectiva que aponta para uma compreensão do hibridismo – espaço que não prioriza e nem superpõe categorias, mas indo, além disto, busca novas possibilidades de relações pessoais e sociais entre sujeitos marcados por uma política de diferenças - e da ambivalência que constituem as identidades e relações interculturais. Com isso, a intercultural se configura como objeto de estudo interdisciplinar e transversal».

A diferença do trabalho desta escola com estes projetos se enquadra muito bem no que nos coloca Espina:

«Globalización ni con la multiculturalidad, para dejar claro que se propone un espacio compartido para el diálogo y la comunicación que no extraña la supremacía de algunas culturas sobre otras o la competencia de muchas culturas que viven cerca, pero aisladas como especies de guetos subculturales. Y, en esta tarea de conformar a los futuros ciudadanos del mundo – conocedores u orgullosos de sus diversas tradiciones, pero no obsesionados con la defensa fundamentalista de ideales nacionalistas, étnicos, religiosos y deseosos de aprender, «de los otros», estilos, estéticas, comidas, filosofías y experiencias los antropólogos, felizmente, no estamos solos; trabajamos con historiadores, periodistas, traductores, pedagogos, filósofos». (Espina, 2006: 14).

É este diálogo compartilhado que vemos nesta escola, preocupada com as culturas dos povos que nos ajuda a contar a nossa história, porque foram essas culturas que nos fez o povo miscigenado que somos.

Evidentemente, essa postura precisa envolver toda a sociedade num debate amplo, pois implica em transformações radicais em nossa percepção da sociedade chegando, perpassando a estrutura educacional chegando ao currículo. Nessa mesma linha Artunduaga diz:

[...]. «En esta perspectiva, el currículo constituye un proceso intencional de selección y organización de cultura, que se fundamenta en la visión o perfil del hombre y de la sociedad que el pueblo desea construir. Este proceso se objetiviza o materializa en planes y programas educativos, en funciones curriculares, en las relaciones maestro-alumno-comunidad, en las acciones administrativas y operativas escolares y, sobre todo, en una cultura escolar». (Artunduaga, 1997, p. 08).

Podemos dizer que esta cultura escolar existe na Escola Leonardo Vitorino Guimarães. Os alunos, professores e gestores entendem que estudar a cultura indígena não é marcar um dia e se caracterizar, mas é um processo de vivência a cada dia, é mergulhar na história real e não apenas na perspectiva do colonizador.

É trazer para o universo da escola o valor da cultura indígena, de forma que esta cultura é reconhecida, reverenciada e não mascarada com discursos do colonizador que há décadas estiveram nos livros didáticos das escolas que o índio que aqui encontraram não tinha cultura e, portanto, precisava ser catequizado e absorver a cultura do seu colonizador.

Assim como o Projeto Indígena, nesta escola a Cultura Africana é estudada ao longo também de um semestre. Igualmente ao Projeto Indígena, o Afrodescendente faz parte do currículo, pois foi incluídas no sistema escolar conteúdos/atividades relacionadas à temática da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, em 09 de janeiro de 2003 entrou em vigor a Lei Federal 10.639 que alterou os artigos 26-A e 79-B, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 determinando a obrigatoriedade de estudos relacionados à temática acima, passando a vigorar com as seguintes modificações:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como, «Dia Nacional da Consciência Negra». (Brasil, 2003. n.p.).

Apesar de no artigo supracitado determinar uma data no calendário escolar para comemoração do Dia Nacional da Consciência Negra, o diferencial da Escola Municipal Estudante Leonardo Vitorino Guimarães é que esta não estuda a história afro-brasileira apenas neste dia, mas reserva um semestre inteiro para que os alunos convivam e desenvolvam ao longo desses dias um reconhecimento da importância da figura do negro para nós brasileiros. Os autores Dias, Ribeiro e Loyola (2007, p.61) dizem que: «Aprender a história e a cultura brasileira é se apropriar também da cultura de vários povos que ajudaram na construção deste país com a junção de memória e bagagens trazidas de diversas partes do mundo».

O cruzamento cultural entre os negros africanos, indígenas e portugueses foram intensos, notadamente na língua e nas outras formas de cultura. De acordo com Paiva (2001, p. 185): «As trocas culturais e os contatos entre povos [...] desde a chegada dos portugueses [...] era ampla a vivência cultural da população negra no Brasil colonial, refletindo amplamente na sociedade do período» e até os dias de hoje. Infelizmente, estamos acostumados no Brasil, de elegermos uma data comemorativa, e passarmos um mês falando nas escolas sobre os temas transversais que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) institucionalizaram, mas se perguntarmos a qualquer brasileiro quem eram os negros africanos, eles sempre contarão a história na perspectiva do branco colonizador. Não é divulgado que o nosso jeito de falar no diminutivo é uma herança da negra africana que cantava para os filhos dos senhores feudais. Um povo que conseguia adaptar as canções dos seus colonizadores à própria língua africana e transmiti-la para as crianças brancas, só nos prova a grandiosidade desse povo em termos de cultura. Enquanto o colonizador português escravizava, e se aproveitava do trabalho e da amamentação das negras para cuidar dos seus filhos, as tornavam cada vez mais poderosas, pois tinha em seu favor a educação dos filhos do senhor feudal, que antes de adquirir a aquisição da leitura e da escrita na escola, adquiriam com o contato com as «negrinhas», termo utilizado pelo colonizador para subordiná-la, não percebia que essas negras valorosas estavam colocando na nossa história, sua assinatura, influências e portanto, sua cultura.

É devido à miscigenação no Brasil que é possível dizer que nosso país possui uma identidade cultural muito variada. Essa palavra representa nosso país, nosso povo e principalmente nossa cultura que é definida a

seguir:

«A miscigenação é o cruzamento de raças humanas diferentes. Esse processo também é conhecido como mestiçagem ou caldeamento, pode-se afirmar que ele é uma evolução do homem. O mestiço é o indivíduo que nasce de pais de raças diferentes, ou seja, que apresentam constituições genéticas diferentes». (HOUAISS, 2012).

Como somos enquanto brasileiros miscigenados devemos também difundir a verdadeira história dessa miscigenação trazendo o reconhecimento e contribuição cultural dos indígenas e dos africanos. O conceito de multiculturalismo tem sua raízes e influência do relativismo cultural, que discute o fato, se contrapondo, de que muitos hábitos e costumes de um grupo poderiam ser superiores a outros. Esta ideia de que as culturas são diversas e devem ser respeitadas na sua essência, sem existir um certo ou errado nos costumes, é a base do multiculturalismo. É nesta perspectiva que os gestores da escola aqui estudada desenvolveram um projeto, que igualmente ao Projeto Indígena a gestão tem a consciência de compartilhar com a comunidade do bairro do Pedregal tudo o que está sendo desenvolvido dentro dos muros da escola.

IV. 1.ª Escola Bilíngue Municipal do Nordeste Brasileiro

A Escola Estudante Leonardo Vitorino Guimarães, neste ano de 2017, foi apresentada com mais um projeto, da primeira Escola bilíngue do Nordeste. Mas, o projeto da escola bilíngue é uma realidade recente, que a Secretaria de Educação do Município (Seduc) de Campina Grande conseguiu implantar, em poucos meses, passando a funcionar em tempo integral. Nesta escola o projeto é formado por 193 alunos matriculados.

Já podemos dizer que o projeto da escola bilíngue apresenta resultados satisfatórios em pouco mais de dois meses de funcionamento. Nessa primeira etapa do projeto pedagógico da modalidade bilíngue, elaborado pela Seduc (Secretaria de Educação), as crianças estão tendo o primeiro contato com a Língua Inglesa através de atividades lúdicas como música, educação artística e informática, além da sinalização dos espaços do prédio para facilitar a incorporação do segundo idioma.

A partir da experiência no bairro do Pedregal, a intenção do prefeito atual da cidade de Campina Grande, Romero Rodrigues, é implantar uma nova escola bilíngue por ano na Rede Municipal de Ensino até o final de seu mandato, em 2020.

Segundo a Secretária de Educação do município de Campina Grande, Iolanda Barbosa, em entrevista ao site da Prefeitura desta cidade, diz que a intenção da escola bilíngue é proporcionar aos alunos as competências necessárias para que eles possam utilizar as duas línguas no ambiente escolar e em seu cotidiano social.

Este projeto tem uma importância fundamental para toda cidade porque só dispúnhamos de uma escola bilíngue particular, de modelo alemão, particular com mensalidades altíssimas, ou seja, uma escola só para uma elite muito alta, portanto para uma minoria. Sendo assim, este projeto deve ter continuidade para que mais e mais campinenses tenham conhecimento de um segundo idioma, de forma que isto vá repercutir na vida deste aluno e futuramente na sua profissão.

V. Considerações Finais

Gilberto Velho (1989) aduz que a Antropologia Urbana está engatinhando e ainda se defronta com sérios problemas de metodologia, pois existe certa preocupação em traçar limites muito rígidos entre a pesquisa

«sociológica» e a «antropológica». Se o sociólogo faz um estudo de caso mais intensivo, vivendo com seu objeto de estudo, seu trabalho poderá ser tratado como antropológico, porém, se ao invés disso, trabalha com universos quantitativamente maiores, complementando com um pouco de estatística, sua investigação poderá ser rotulada como sociológica. Este caráter da pesquisa nos fez trilhar por um terreno bastante movediço e complexo, que nos exigiu trabalhar com a interseção de diferentes tradições de trabalho.

Poder adentrar no campo educacional tendo como auxílio da Antropologia é, antes de tudo, tentar unir fronteiras que marcam ambas as áreas que podem ser articuladas para manter suas identidades e diferenças. Nesta perspectiva conceitual e metodológica consideramos que a educação se desenvolve no âmbito das vivências culturais distintas: na esfera familiar, no trabalho, no lazer, nos bairros, na política, na rua, nos grupos, na escola, na mídia, entre outros, formando um tecido de relações sociais das quais surgem significados diversos. Dessas dinâmicas de relações é possível pensar nas identidades constituídas que podem transformar a escola dentro e fora, contribuindo para um cotidiano de mais tolerância, igualdade, socialização e aprendizagem.

A aprendizagem aqui nesta pesquisa toma uma dimensão maior, porque não é aquela que está posta nos livros, nas leis que a regem, aqui ela faz com que o aluno se sinta sujeito de sua história, de forma que ele é integrante e não apenas ouvinte.

A Escola Estudante Leonardo Vitorino Guimarães cumpre esse papel junto dos seus alunos e amplia para a comunidade do Pedregal. Esta escola surpreende porque consegue quebrar muitos paradigmas postos pela sociedade, preconceituosa e intolerante e traz para o cotidiano escolar um ambiente de paz, de verdadeiro aprendizado e principalmente de oportunidades que aqueles alunos levarão para o resto de suas vidas. Isto não é à toa, podemos conferir no campo de pesquisa que muitos pais de alunos que hoje integram a escola já foram alunos de outras escolas do bairro e que estes conseguem ver a diferença que há, desde a estrutura da escola, passando pelo aprendizado até chegar ao depoimento de mães ao falar da alegria de seus filhos ao irem para escola.

Uma escola que tem um IDEB em 5.9 com apenas 09 anos de sua inauguração, que tem um índice zero de desistência, tem uma lista de espera até de pessoas que não residem no bairro, mas já ouviram falar do nível escolar, que tem professores que dizem fazer questão que seus filhos venham estudar nesta escola, não tem como não reconhecermos o papel social que é notório.

Entender e fazer educação como cultura demanda compreender a ação dos sujeitos envolvidos, respeitando as diferenças oriundas de trajetórias e vivências particulares de professores, alunos, gestores e funcionários, famílias etc. Implica, também, conhecer as instituições e estruturas sociais formadoras e o processo de aprendizagem, como, por exemplo, a divisão social do trabalho, a instituição, a hierarquia de conteúdos e suas formas de distribuição no currículo, as numerosas tradições culturais que expressam visões de mundo diferenciadas, e muitas vezes conflitivas também presentes e ativas nos espaços escolares.

Neste trabalho tentamos buscar aportes teóricos e metodológicos para poder perceber os diversos modos de ver o *outro* na cultura escolar, nas culturas vinculados aos projetos e seus significados, de forma a desvelar valores que possam interferir positivamente nas relações pedagógicas.

A relevância do entendimento da cultura como sistema simbólico, escola, formação e profissão docentes podem constituir teoricamente em representações sociais que não possuem um significado único, na medida em que tais significados são cultural e historicamente constituídos. É construir práticas pedagógicas bebendo na fonte da Antropologia como práticas pedagógicas que gerem sentidos comuns, bem como também permitir diferentes interpretações que possam gerar o reconhecimento das culturas como algo que deve integrar os

sujeitos e não separá-los. Assim, questões como a repetência e a exclusão na e da escola, as dificuldades cognitivas, as relações professor/aluno, os desafios da didática, a disciplina/indisciplina e o disciplinamento, as relações de gênero e as preferências sexuais, as múltiplas formas de organização de grupos e as opções religiosas, a violência em meio escolar, por exemplo, podem adquirir outros entendimentos quando competentemente problematizadas na perspectiva de estudos antropológicos. No campo da antropologia criminal, Galvão (2014) observa que uma das causas da delinquência juvenil é o resultado do conflito existente entre o ordenamento moral da escola e os valores transmitidos na socialização familiar, cuja frustração cria um subcultura criminal entre os jovens que buscam afirmação e reconhecimento dentro do sistema de valores da cultura dominante.

Como está evidenciado nesta pesquisa, o bairro do Pedregal é estigmatizado por sua história de violência, assassinatos, tráfico de drogas, protagonizados pela disputa entre duas facções criminosas conhecidas como «Ratos» e «Pexeiros». Neste particular, o fator violência merece destaque como quebra de paradigma relacionado à comunidade na qual se encontra a Escola Leonardo Vitorino Guimarães, ante a constatação da convivência pacífica e harmoniosa dos alunos, inclusive daqueles cujos familiares estão direta ou indiretamente relacionados a uma ou a outra facção.

Na interpretação de Forquin (1993), sobre essa cultura da escola considera que ela é constituída por um mundo social que tem características próprias, ritmos e ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos, o que não significa que nessa complexa dinâmica, processos mais particulares e contingentes são vividos na escola, não existindo, portanto, uma cultura única na escola, mas, sim, múltiplos e distintos modos como as normas instuídas na cultura escolar são apropriadas e vivenciadas em seu cotidiano.

O Brasil é marcado por suas estruturas de desigualdades sociais e diferenças culturais. A problemática das diferenças não é estranha à instituição escolar, lembrando, por exemplo, que até hoje alguns livros didáticos e algumas escolas ainda adotam o discurso do colonizador, querendo construir no imaginário dos alunos que os índios eram preguiçosos e que os negros eram analfabetos, tentando negar a nossa raiz cultural. Vários deles ainda em uso mantêm registros que colocam o negro, no caso, como indivíduo inferior, querendo justificar essa diferença pela cor da pele, como sendo um traço inato, e, portanto, natural.

O relevante nesta pesquisa é que a Escola Estudante Leonardo Vitorino Guimarães quebra com todos esses paradigmas postos e prova que é possível dentro de uma comunidade como o Pedregal termos uma escola digna, como educação de qualidade, exercendo o seu papel de integrar conhecimento, educação e sociedade. Ou seja, esta escola consegue dentro dos seus muros quebrar a barreira da intolerância quando consegue fazer com que filhos de gangues rivais convivam harmonicamente no universo escolar, e vai mais além, leva essa tolerância e respeito mútuo para fora dos muros da escola chegando até as casas e famílias desses alunos.

Nesta perspectiva vemos como as relações pedagógicas entre o conhecimento, o professor e o aluno, assim como desses com a instituição escolar, sob outros prismas, isto é, como relações pautadas por referenciais identitários são construídos histórica e socialmente e que muitas vezes são confrontados, demandando a busca do entendimento das diferenças, das desigualdades e das infinitas possibilidades de diálogo em realidades tão distintas. É criar o ambiente para conhecer o outro e sua cultura.

Em outros termos, é reconhecer que a escola, como uma instituição social é construída por sujeitos histórico-culturais, o que fornece visibilidade ao fato de que alunos, famílias, funcionários, professores e gestores vivenciam diferentes processos em suas relações com o mundo lá fora e o da escola. Trata-se, portanto, de um espaço que abriga a pluralidade e a multiculturalidade nesta realidade cultural e social, de uma instituição

que acolhe crianças, adolescentes, adultos, homens e mulheres que cultivam sentimentos de pertença a determinados e diferentes grupos sociais, étnicos, religiosos, de gêneros, políticos, dentre outros. Sujeitos esses que estão expostos a outros meios de informação e de formação, os meios de comunicação em uso, a religião, o trabalho, a família, dentre outros, e que levam para a experiência escolar suas visões de mundo e de homem, seus valores morais e religiosos, marcas da tradição, preconceitos, sonhos, projetos e desejos. Assim, a percepção mais ampla desses sujeitos no processo educativo requer reconhecê-los, ao longo de sua vida, como portadores e construtores de diferentes trajetórias e identidades múltiplas que passa por mudanças e que se misturam dentro e fora dos tempos e espaços escolares.

Deste modo, ao se focar temáticas como cultura, práticas e pesquisas educacionais e escolares, multiculturalismo, rituais, mitos como categorias que devem estar incorporadas na formação dos professores permitindo a estes entenderem os diferentes agenciamentos simbólicos, seja de negros, brancos, amarelos, índios ou outros, e os lugares que as culturas produzidas por esses grupos em interação, em relações de reciprocidade e ou de conflitos, assumem na escola e se fazem presentes em seu cotidiano, na configuração de seus tempos, espaços e aprendizagens.

A Escola Municipal Estudante Leonardo Vitorino Guimarães foi motivo de satisfação para a nossa pesquisa, pois tem colaborado para o entendimento da comunidade de que se pode crescer através da cultura, do ensino-aprendizagem e isso foi constatado em suas ações que influenciam o bairro nos aspectos educacional, cultural e social. Desta forma, a escola não é a única instituição em condições de participar de mudanças na vida dessa comunidade, mas a parceria com outras instituições dos diversos setores sociais, e a própria representatividade comunitária são essenciais.

A comunidade do Pedregal reconhece, através da influência da escola municipal, que o esporte, a cultura e o lazer são influentes para o crescimento de uma comunidade e busca, no bairro, espaços e equipamentos que favoreçam a prática desses elementos.

Em busca de gerar conhecimentos, hoje se faz necessário nos basear nas relações sociais e interculturais. Entendemos que o debate entre o *monoculturalismo* aqui entendido como o compartilhamento por todos os povos e grupos de uma cultura universal e o *multiculturalismo* aqui entendido como o reconhecimento de que povo e grupo social desenvolvem, historicamente, uma identidade e cultura próprias devem ser um dos pontos de partida para entendermos nossa cultura, esta que nos adjectiva de país miscigenado, palavra simples, mas de uma dimensão histórica-cultural grandiosa, havendo uma interculturalidade que é a interação entre essa diversidade cultural e os diálogos postos.

Acreditamos que construir um espaço físico adequado à formação dos alunos significa oferecer pleno acesso aos recursos culturais relevantes para a sua cidadania através da interação com materiais e instrumentos variados em artes visuais, música, dança e teatro. Compete à escola oferecer um espaço mais livre e dinâmico.

Finalmente, ressaltamos que, do nosso ponto de vista, a reflexão proposta, além de ser necessária, impõe que seus resultados sejam acessíveis aos professores em seus variados percursos de formação: na escola, em serviço, continuada, sem perder de vista suas demais vivências cotidianas, da qual a escola e a prática docente são parte. Trazer o multiculturalismo para discussão escolar e social é de extrema importância na área da pedagogia e educação. É interessante que os professores levem tais discussões para dentro de sala de aula para criar um ambiente que aceite melhor as diferenças, e assim despertar problematizações como as questões de racismo e preconceito entre os alunos.

O multiculturalismo aplicado à educação envolve práticas pedagógicas que despertem os alunos para a diversidade dos grupos culturais, que aprendam a respeitar as diferenças e que se defrontem com assuntos como identidade cultural e de gênero a ponto de criarmos em nossos alunos a cultura do respeito, da tolerância, da aceitação de si e do outro.

Pensar o currículo escolar colocando mesmo que obrigatoriamente o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira, por exemplo, é uma das ações afirmativas pelo multiculturalismo na educação. É incentivar tanto os professores quanto os alunos se permitam sair do eixo de estudos europeu-ocidentais, sair da perspectiva do colonizador que ao longo do tempo as escolas brasileiras propõem.

Queremos enquanto pesquisadores dá visibilidade à história desta escola trazendo o conhecimento e o reconhecimento do trabalho desenvolvido e dos papéis sociais que têm transformado vidas oportunizando uma educação de qualidade.

VI. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, A.; SOUSA, E. (2011). *Retalhos históricos de Campina Grande. Serviço de Utilidade Pública*.
Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/search?q=Pedregal#.WTgebWjyvIV>.
Acesso em: 12 mai. 2017.
- ARAÚJO, P. S. (2009). *Caracterização socioambiental do pedregal III e IV – Campina Grande-PB: resultados da experiência de urbanização de favelas por meio do programa habitar Brasil/bid*. 2009. 85 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Naturais) - Programa do Centro de Tecnologia e Recursos Naturais – CTRN, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campina Grande – PB.
- ARTUNDUAGA, L. A. (1997). «La etnoeducación: una dimensión de trabajo para a educación en comunidades indígenas de Colombia». En: *Revista Iberoamericana de Educación*, n.º 13, pp. 35-45.
Disponível em: <http://www.rieoei.org/oeivirt/rie13a02.pdf>.
Acesso em: 08 jun. 2017.
- BRASIL (2011). *Lei Municipal nº 5096/2011 de 24 de novembro de 2011. Institui o site para o registro histórico da cidade de Campina Grande*.
Disponível em <http://www.http://cgretalhos.blogspot.com.br/>.
Acesso em: 10 mai. 2017.
- BRASIL (1996). *Lei Nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências*. Brasília, DF.
Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm.
Acesso em: 24 mai. 2017
- DIAS, F. S.; RIBEIRO, M. S.; LOYOLA, R. C. (2007). «Lei Federal nº 10.639/03: rumos e desafio». In: *Revista Sapientia*, n.º 6, pp. 60-69.
Disponível em: http://www.faculdade.pioxii-es.com.br/anexos/Sapientia06/RC_N6_Unices_artigo_3.pdf.
Acesso em: 12 mai. 2017.
- ESPINA, A. B. (2006). «Culturas locais ibero-americanas, comunicación e interculturalidad». In. *Conocimiento local, comunicación e interculturalidad*. Recife: Massangana.
- FORQUIN, J. C. (1993). *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre/RS: Artes Médicas.
- FLEURI, R. M. (2000). «Desafios à Educação Intercultural no Brasil. Percursos» In: *Revista do Núcleo de Estudos em*

Políticas Públicas da Universidade do Estado de Santa Catarina. NEPP- v.º 1, n.º 1. Florianópolis.

GALVÃO, C. (2014) «Cultura e subcultura». In: Lima, R. S.; Ratton, J. L. e Azevedo, R. G. (Org.). *Crime, polícia e justiça no Brasil*. São Paulo, Contexto.

PAIVA, E. F. E. (2001) *Universo Cultural na Colônia*. Minas Gerais: UFMG.

SEPLAN. Secretaria Municipal de Planejamento. (2004). *Programa Habitar Brasil/ Banco Interamericano de Desenvolvimento: trabalho de participação comunitária*. Campina Grande.

SILVA, R. M. G. (2015). *O estado e o direito de punir [manuscrito]: a resposta penal e judicial ao tráfico de entorpecentes na zona leste de Campina Grande*. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação) - Curso de Direito, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande.

VELHO, G. (1989). *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.